

ALERGIA À PROTEÍNA DO LEITE DE VACA: DESAFIOS E VIVÊNCIAS MATERNAS EM FRONTEIRA INTERNACIONAL

COW'S MILK PROTEIN ALLERGY: MATERNAL CHALLENGES AND EXPERIENCES AT AN INTERNATIONAL BORDER

ALERGIA A LA PROTEÍNA DE LA LECHE DE VACA: DESAFÍOS Y VIVENCIAS MATERNAS EN FRONTERA INTERNACIONAL

Rosecler Ferreira Nery¹, Carlos Alberto Lima², Sebastião Caldeira³, Thiago Luis de Andrade Barbosa⁴, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade⁵

DOI: 10.54899/dcs.v23i94.6920

Recibido: 04/08/2026 | Aceptado: 28/08/2026 | Publicación en línea: 04/09/2026.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de compreender os impactos físicos, emocionais e sociais enfrentados pelas mães de crianças com alergia à proteína do leite de vaca, além de identificar os desafios diários que essas mães enfrentam ao lidar com o diagnóstico e suas implicações. Estudo qualitativo, fundamentado na Fenomenologia Social realizado com 15 mães de crianças de 0 a 2 anos diagnosticadas com alergia à proteína do leite de vaca. Os dados foram coletados por meio de entrevistas em profundidade, sendo a análise dos dados com enfoque nas experiências subjetivas e nos significados atribuídos pelos indivíduos às suas vivências. Evidenciou-se uma categoria relacionada aos “motivos por que” (impactos familiares, adaptações e necessidade de suporte psicológico). As experiências das mães mostraram sobrecarga emocional, dificuldades financeiras, restrições alimentares severas e carência de apoio profissional. Conclui-se que os desafios vivenciados por essas mães mostram a necessidade urgente de oferecer suporte psicológico, qualificação profissional e políticas públicas eficazes, capazes de assegurar um cuidado integral, equitativo e humanizado às famílias afetadas pela alergia à proteína do leite de vaca, minimizando os impactos físicos, emocionais e sociais decorrentes dessa condição.

Palavras-chave: Hipersensibilidade Alimentar. Hipersensibilidade a Leite. Mães. Emoções. Saúde da Criança.

¹ Mestre em Estudos Latino-Americanos, Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. E-mail: roseclernery@hotmail.com

² Bacharel em Enfermagem, Centro Universitário Descomplica UniAmérica, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. E-mail: limamil14@hotmail.com

³ Doutor em Enfermagem, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: calenf3@gmail.com

⁴ Doutor em Ciências da Saúde, Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. E-mail: thiago.barbosa@unila.edu.br

⁵ Doutora em Ciências da Saúde, Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. E-mail: ludmila.gomes@unila.edu.br

ABSTRACT

This study aimed to understand the physical, emotional, and social impacts experienced by mothers of children with cow's milk protein allergy (CMPA), as well as to identify the daily challenges they face in coping with the diagnosis and its implications. This qualitative study was grounded in Social Phenomenology and involved 15 mothers of children aged 0 to 2 years diagnosed with cow's milk protein allergy. Data were collected through in-depth interviews and analyzed with a focus on participants' subjective experiences and the meanings they attributed to their lived experiences. One thematic category emerged, related to the "reasons why" (family impacts, adaptations, and the need for psychological support). The mothers' experiences revealed emotional burden, financial difficulties, severe dietary restrictions, and insufficient professional support. The findings indicate that the challenges experienced by these mothers highlight the urgent need for psychological support, professional training, and effective public policies capable of ensuring comprehensive, equitable, and humanized care for families affected by cow's milk protein allergy, thereby minimizing the physical, emotional, and social impacts associated with this condition.

Keywords: Food Hypersensitivity. Milk Hypersensitivity. Mothers. Emotions. Child Health.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo comprender los impactos físicos, emocionales y sociales experimentados por las madres de niños con alergia a la proteína de la leche de vaca (APLV), así como identificar los desafíos cotidianos que enfrentan al convivir con el diagnóstico y sus implicaciones. Se realizó un estudio cualitativo, fundamentado en la Fenomenología Social, con la participación de 15 madres de niños de entre 0 y 2 años diagnosticados con alergia a la proteína de la leche de vaca. Los datos fueron recolectados mediante entrevistas en profundidad y analizados con un enfoque centrado en las experiencias subjetivas y en los significados atribuidos por las participantes a sus vivencias. Emergió una categoría temática relacionada con los "motivos por qué" (impactos familiares, adaptaciones y necesidad de apoyo psicológico). Las experiencias de las madres evidenciaron sobrecarga emocional, dificultades económicas, restricciones alimentarias severas y escaso apoyo profesional. Se concluye que los desafíos experimentados por estas madres ponen de manifiesto la necesidad urgente de ofrecer apoyo psicológico, capacitación profesional y políticas públicas eficaces que garanticen una atención integral, equitativa y humanizada a las familias afectadas por la alergia a la proteína de la leche de vaca, minimizando los impactos físicos, emocionales y sociales derivados de esta condición.

Palabras clave: Hipersensibilidad a los Alimentos. Hipersensibilidad a la Leche. Madres. Emociones. Salud del Niño.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a Alergia à Proteína do Leite de Vaca (APLV) representa a alergia alimentar mais frequente e prematura da infância, comprometendo entre 1,4 e 3,8% dos infantes menores de três anos de idade (Zepeda-Ortega, *et al.*, 2021). Trata-se de uma resposta imunológica adversa às proteínas do leite de vaca, como a alfa-lactoalbumina e a caseína, que pode variar desde manifestações gastrointestinais e respiratórias leves até reações graves, como anafilaxia. Embora sejam alimentos construtores e o organismo tenha a capacidade de digerir-los, as proteínas do leite por vezes não são reconhecidas pelo sistema imune, levando ao desenvolvimento de alergias. Tal condição requer diagnóstico precoce e a implementação de uma terapia nutricional rigorosa para evitar complicações de saúde mais sérias (Miguez, 2024).

Os desafios impostos pela APLV não se restringem ao âmbito médico. Para as mães, que frequentemente assumem o papel principal no cuidado de crianças com essa condição, os impactos são profundos e multifacetados. O processo de diagnóstico, que muitas vezes é demorado e complexo, pode gerar ansiedade e frustração, enquanto as adaptações alimentares demandam mudanças substanciais na dinâmica familiar (Korz, *et al.*, 2021; Reis, *et al.*, 2020). Além disso, os custos financeiros associados a fórmulas especiais e alimentos alternativos representam um ônus significativo, especialmente para famílias de baixa renda (Santos Júnior, *et al.*, 2023).

Estudos recentes destacam também os efeitos emocionais dessa condição, como aumento nos níveis de ansiedade, estresse e isolamento social entre os cuidadores primários (Jung *et al.*, 2023; Ozturk *et al.*, 2023). Em muitas situações, a necessidade de vigilância constante para evitar a exposição acidental às proteínas do leite intensifica a carga emocional e psicológica das mães. Tais fatores podem prejudicar a qualidade do vínculo materno e impactar diretamente o bem-estar geral da família (Cantanhede *et al.*, 2024).

Apesar do crescente corpo de pesquisas sobre APLV, existe uma lacuna significativa no entendimento das implicações sociais e emocionais para as mães de crianças com essa condição. Isso é particularmente relevante no Brasil, onde as políticas públicas ainda são insuficientes para apoiar famílias que enfrentam esses desafios (Cantanhede *et al.*, 2024). A compreensão mais profunda das percepções maternas sobre a APLV e suas implicações socioculturais é essencial para subsidiar a elaboração de políticas e estratégias de suporte mais eficazes.

Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo compreender os impactos físicos,

emocionais e sociais enfrentados pelas mães de crianças com APLV, além de identificar os desafios diários que essas mães enfrentam ao lidar com o diagnóstico e suas implicações. Os achados poderão contribuir para o aprimoramento da assistência a essas famílias, destacando a importância de abordagens integradas que considerem não apenas os aspectos médicos, mas também as dimensões emocionais e sociais dessa condição.

METODOLOGIA

Estudo qualitativo fundamentado na Fenomenologia Social de Schütz (2012), que permite compreender as questões sociais da ação humana. É concebida nos significados da vivência intersubjetiva da relação social e se volta ao atendimento das ações sociais que têm significado contextualizado e que configuram um sentido social. Os Critérios Consolidados para Relatos de Pesquisa Qualitativa (COREQ) foram utilizados como referência para orientar a condução desta investigação.

O estudo foi realizado no Centro de Nutrição Infantil (CENNI), localizado em Foz do Iguaçu-PR, uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que oferece atendimento a crianças com condições nutricionais e gastrointestinais variadas (Centro de Nutrição Infantil, 2025).

Participaram da pesquisa 15 mães de crianças com idades entre 0 e 2 anos diagnosticadas com alergia à proteína do leite de vaca (APLV). Os critérios de inclusão envolveram diagnóstico confirmado de APLV, acompanhamento regular no CENNI e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídas as mães que não compareceram às consultas no período de coleta de dados.

Inicialmente, foram analisados os prontuários das pacientes para identificar aquelas que preenchiam os critérios de inclusão. Posteriormente, essas mães foram convidadas a participar da pesquisa durante consultas regulares, sendo informadas sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos envolvidos e a importância de sua contribuição para o avanço do conhecimento em nutrição infantil e manejo da APLV.

A coleta de dados foi realizada por meio da entrevista fenomenológica em profundidade, conduzidas em ambiente reservado nas dependências do CENNI, enquanto as mães aguardavam o atendimento da criança, assegurando condições de privacidade, acolhimento e conforto às participantes. No encontro com as mães, a entrevista fenomenológica possibilitou a descrição de suas vivências, reconhecendo nelas as protagonistas do fenômeno. Assim, foi possível trilhar o

caminho da compreensão a partir da perspectiva de quem o experiencia diretamente (Ramos *et al.*, 2022).

As entrevistas conduzidas mediante um roteiro abordaram tópicos como os sintomas físicos observados nas crianças, mudanças na rotina alimentar e de cuidados, preocupações emocionais e psicológicas, além de dificuldades sociais e financeiras decorrentes da condição. Além disso, foram explorados os desafios enfrentados no dia a dia, como a adaptação a dietas restritivas, o acesso a alimentos especiais e o suporte social e médico disponível. As entrevistas foram realizadas por uma enfermeira especialista em saúde da criança entre fevereiro e junho de 2024 e tiveram a duração média de 25 minutos.

As duas primeiras entrevistas constituíram um estudo piloto e, dada sua consistência, foram incluídas no corpus da pesquisa. O encerramento das entrevistas ocorreu de acordo com a saturação teórica, ou seja, quando os dados obtidos demonstraram suficiência para responder aos objetivos do estudo (Moura, *et al.*, 2021). Para preservar o anonimato das participantes, foi utilizada codificação alfanumérica nas transcrições (M1, M2, M3...).

As entrevistas com as mães não foram repetidas nem retornadas às participantes para validação. Com o intuito de propiciar a confiabilidade e assegurar a saturação dos dados, as entrevistas foram transcritas na íntegra e, na sequência, revisadas por uma segunda pesquisadora, com experiência prévia em investigação qualitativa. As transcrições e a análise do material foram feitas por ambas as pesquisadoras (análise por pares) para a decisão consensual de encerramento da etapa de produção dos dados.

A análise dos dados foi fundamentada na Fenomenologia Social de Schütz (2012), que se concentra nas experiências subjetivas e nos significados atribuídos pelos indivíduos às suas vivências no processo de diagnóstico e acompanhamento nos serviços de saúde. Essa perspectiva teórica possibilitou compreender a ação social com base em motivações passadas (motivos por que) situadas em um contexto sociocultural e biográfico.

O estudo seguiu as diretrizes éticas para pesquisas com seres humanos, conforme aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS

A pesquisa investigou o perfil de 15 mães de crianças com idades entre 0 e 2 anos diagnosticadas com APLV e apontou maior proporção de mulheres com idade entre 31 e 45 anos

(60,0%), cor branca (53,3%), com ensino superior completo (46,7%) e mulheres que se dedicam ao lar (53,3%) (Tabela 1).

Tabela 1 - Características das participantes do estudo.

Variáveis	n	(%)
Faixa etária		
23 a 30 anos	6	40.0
31 a 45 anos	9	60.0
Cor da pele		
Branca	8	53.3
Negra	0	0.0
Parda	7	46.7
Indígena	0	0.0
Escolaridade		
Fundamental	0	0,0
Médio	4	26,7
Superior	7	46,7
Pós-graduação	4	26,7
Profissão		
Do lar	8	53,3
Professora	2	13,3
Autônoma	1	6,7
Auxiliar administrativa	1	6,7
Fisioterapeuta	1	6,7
Manicure	1	6,7
Psicóloga	1	6,7

Fonte: Nery RF, *et al.*, 2026.

Os impactos físicos, emocionais e sociais enfrentados pelas mães de crianças com diagnóstico de APLV, foram organizados e agrupados em duas categorias principais: “motivos por que” (Figura 1). As categorias identificadas para os “motivos por que” incluíram os desafios físicos, emocionais e sociais enfrentados pelas mães.

Figura 1 - Categorização dos “motivos por que” envolvendo os impactos físicos, emocionais e sociais enfrentados pelas mães de crianças com diagnóstico de APLV (2024)

MOTIVOS POR QUE		
CATEGORIA 1	CATEGORIA 2	CATEGORIA 3
Percepções do impacto do diagnóstico da APLV na vida familiar	Adaptação familiar frente ao diagnóstico da APLV	Necessidade de suporte psicológico para as mães
SUBCATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
-Dificuldade para chegar ao diagnóstico;	-Adaptação da dieta familiar às restrições alimentares;	-Impactos emocionais do diagnóstico;
-Dificuldades financeiras;	-Adaptação nas relações sociais devido às restrições alimentares	-Acolhimento e carência na orientação profissional
-Preocupações que surgiram após o diagnóstico		

Fonte: Nery RF, *et al.*, 2026.

A primeira categoria contemplou a percepção de mães com filhos diagnosticados com APLV na vida familiar, tendo em vista a complexidade da conjugação de desafios emocionais, logísticos e financeiros. Muitas mães relataram sentir-se sobrecarregadas pela responsabilidade de garantir que seus filhos evitem alimentos contendo leite e derivados, o que requer vigilância constante em todas as situações cotidianas, a preocupação com a saúde e o bem-estar do filho, podendo gerar ansiedade e impactar o equilíbrio emocional das mães.

Na primeira subcategoria “dificuldades para chegar ao diagnóstico”, as mães relataram o enfrentamento de desafios complexos, ao lidar com a APLV em seus filhos, desde a dificuldade inicial de reconhecer os sintomas até a busca por um diagnóstico preciso.

[...] até chegar no diagnóstico foi um desespero pra saber por que ela chorava dia e noite.
M2

[...] foi assustador, porque eu não tinha conhecimento do que seria APLV [...] até o diagnóstico a gente ouviu várias outras suspeitas. M8

[...] foi difícil porque aqui em casa ninguém tinha alergia, é uma coisa nova e como tudo novo assusta. Não teve nada de explicação, eles falavam que era normal. M10

[...] eu pesquisei bastante e comecei a suspeitar que poderia ser APLV [...] meu marido relutou um pouco e eu tive que lidar com isso sozinha. M12

A segunda subcategoria “dificuldades financeiras” desvelou as dificuldades financeiras enfrentadas pelas famílias para lidar com o diagnóstico de APLV em seus filhos. O custo elevado das fórmulas especiais, essenciais para garantir a saúde das crianças, representou um desafio financeiro considerável.

[...] fui procurar o leite eu saí da farmácia com minha cabeça tão no mundo da lua, [...] o leite custava duzentos e noventa e oito reais, sai tão aérea, que furei uma preferencial. M1

[...] achei algumas farmácias que estava duzentos e oitenta e sete. É caro. ai começamos a comprar era mais de 1500 por mês. Dá mais que o aluguel que a gente paga na nossa casa. M7

[...] mas quando chegou na parte de pagar 250 a cada 3 dias, aí o negócio foi para outro mundo, outra estratosfera. M11

A terceira subcategoria evidenciou as “preocupações das mães após o diagnóstico de APLV”, o que revelou a complexidade dessa condição. Isso incluiu a necessidade imediata de ajustar a dieta e a rotina familiar para garantir que a criança recebesse os cuidados necessários, fórmulas especiais exigidas para o tratamento da APLV. Isso representou um desafio significativo

para muitas famílias na busca por opções acessíveis, e a gestão das despesas referentes à saúde se tornaram uma prioridade constante.

[...] cuido muito bem da alimentação tanto para não ter ganho de peso quanto para alimentação saudável, eu cuido muito. E aqui em casa já nos acostumamos com alimentos mais naturais. Claro que tem dias que foge um pouco. M1

[...] antes eu comia tudo normal feijão, carne, pão, macarrão, leite [...] entrei em restrição minha e dele. Como ele mamava no peito eu não podia consumir nada que tinha leite e nem dos derivados. M3

[...] a gente comia de tudo, porque eu tenho intolerância a lactose, mas eu sou teimosa, quando eu descobri que ela tinha aí eu cortei tudo. Só que de vez em quando eu deslizava porque eu sou doente por queijo tudo que vai leite. M5

Diante disso, a primeira categoria destacou os múltiplos desafios enfrentados pelas mães de crianças com diagnóstico de APLV, revelando um impacto na vida familiar. Desde as dificuldades iniciais para alcançar um diagnóstico preciso até as complexas adaptações na rotina alimentar e o peso financeiro das fórmulas especiais no cenário do orçamento familiar. O processo de diagnóstico, frequentemente longo e confuso, gerador de angústia emocional e dificuldades financeiras familiares que superam o orçamento mensal foram questões levantadas nesta categoria.

Assim, esse panorama evidenciou as múltiplas demandas emocionais e práticas que exigem, das mães, um grande esforço para equilibrar as necessidades de saúde com as dificuldades cotidianas.

Categoria 2 dos “Motivos Por Que” - Adaptação Familiar Frente ao Diagnóstico de APLV

A categoria expressou que o diagnóstico acarreta adaptações alimentares e familiares complexas e demandam vigilância constante. As famílias precisaram reeducar-se em termos alimentares e ajustar suas rotinas para garantir a saúde e o bem-estar das crianças afetadas. O apoio e a compreensão de todos os envolvidos foram essenciais para facilitar essa transição.

A primeira subcategoria “adaptação da dieta familiar as restrições alimentares”, trouxe que as mudanças na dieta afetaram toda a família, não apenas para a criança diagnosticada com APLV. Em muitos casos, os pais e irmãos adaptaram suas dietas para evitar a presença de

produtos lácteos em casa. Contudo, a resistência de familiares em entender e seguir as restrições alimentares exigiu uma educação contínua e, às vezes, confrontos diretos.

[...] o leite mesmo eu quase não tomava, mais iogurte, queijo manteiga, eu passei a fazer tudo em casa, porque quando eu lia os rótulos tudo tinha lactose. [...] comecei a fazer o meu pão o bolo e tomava chá, suco. M6

[...] normal comia de tudo. Depois conforme eu parei de comer todos aqui em casa pararam de comer também, quando eu iniciei o teste de provocação oral todos em casa iniciaram também rsrs (marido). M10

[...] gosto muito de queijo, pão de queijo, mas depois do diagnóstico, retiramos tudo relacionado ao leite de casa, principalmente porque o pão de queijo faz falta. M12

A segunda subcategoria “adaptação nas relações sociais devido às restrições alimentares”, revelou que muitas mães tiveram que lidar com a resistência de familiares e amigos que não entendiam a seriedade das restrições alimentares, o que as levou a evitar sair com o filho para não correr o risco de consumir acidentalmente alimentos contendo leite.

[...] a família do meu marido ou pessoas de fora tentavam ajudar, mas mais atrapalhavam: eles falavam, mas é só um pouquinho, não vai te fazer mal, deixa ela experimentar que você vai ver que não vai acontecer nada. M2

[...] teve uma vez que fomos numa festa e eu levei a comida dela separada, mas as pessoas ficavam insistindo pra ela comer o que tinha na mesa, como se eu estivesse exagerando. Me senti julgada o tempo todo. (M5)

Categoria 3 “Motivos Por Que” - Necessidade de Suporte Psicológico para as Mães

Nessa categoria, as mães enfrentaram desafios emocionais intensos. Sentiram-se frequentemente desacreditadas quanto aos sintomas iniciais, enfrentando críticas como "exageradas" e "frescas". Além disso, lidaram com problemas de saúde próprios, como depressão pós-parto e dificuldades alimentares, incluindo restrições severas na dieta. A falta de apoio psicológico adequado por parte de familiares e profissionais de saúde aumentou o sentimento de isolamento e a insegurança em relação à saúde de seus filhos, impactando profundamente suas vidas cotidianas e sociais.

Na subcategoria dos “Impactos emocionais do diagnóstico”, evidenciou-se que o abalo emocional da dieta restritiva foi significativo, pois muitas mães utilizavam a alimentação como

um mecanismo de enfrentamento emocional. A impossibilidade de consumir alimentos que apreciavam aumentou a sensação de frustração e impotência e se sentiram incapazes de proporcionar o cuidado adequado aos filhos. Houve relutância de alguns parceiros em aceitar os novos hábitos alimentares e a resistência por parte de familiares e profissionais de saúde aumentaram o isolamento.

[...] me chamavam de chata, de fresca, de que eu estava exagerando que não era tudo isso.

O meu psicológico ficou totalmente bagunçado porque é onde a gente achava que ia encontrar um apoio, uma ajuda. Não tinha! Então foi muito difícil! M2

[...] eu entrei em depressão de novo, tive surto até algumas situações as enfermeiras chegaram a tirar ele de perto de mim porque eu não tava bem. M3

[...] fico preocupada. Eu acho que meu medo vai durar por muito tempo ainda, fico apavorada só de pensar alguém dando algo para ela que irá causar dor.

[...] sou uma pessoa que desconto todas minhas emoções na comida - eu sei que é errado mais era um escape - e com toda essa problemática da alergia eu não tinha nem esse escape, não podia nem comer o que eu gostava, então eu sofri muito. M5

Na segunda subcategoria “acolhimento e carência na orientação profissional”, as mães relataram diversas dificuldades no acolhimento e na falta de conhecimento dos profissionais de saúde ao lidarem com APLV. Associado a isso, o enfrentamento de diagnósticos incorretos e a falta de credibilidade de suas observações, resultando na demora significativa para obter o diagnóstico correto.

[...] não teve nada de explicação, eles falavam é normal, fazia, ninguém nunca falou que pode ser o leite, era a fala de sempre é normal criança ter cólica. M10

[...] três médicos que eu passei antes não souberam me dizer o que estava acontecendo. Os profissionais ouviam o que eu falava e falavam: verdade, temos que investigar! Isso não é normal mais seu bebê está ganhando peso ele está bem. M11

[...] nunca foi dito que poderia ser APLV, ou era ele comeu alguma coisa, ah pode ser intoxicação, ah. Pode ser virose ou ele tem sangue nas fezes porque está com muita diarreia e machucou a bundinha. Então diagnóstico era assim nada voltado para alergia alimentar ou APLV. Acho que o povo lá nem sabe o que é APLV. M12

DISCUSSÃO

Com base na abordagem da Fenomenologia Social de Schütz (2012), foi possível compreender a subjetividade das mães de crianças diagnosticadas com APLV e o contexto social em que elas estão inseridas, por meio dos "motivos por que" que permeiam suas experiências. Os relatos das mães revelaram o impacto do diagnóstico em suas vivências cotidianas, desde o momento inicial de descoberta da alergia até as mudanças e adaptações necessárias para garantir a segurança e o bem-estar dos filhos. Assim, essas narrativas trouxeram à tona não apenas os desafios enfrentados, mas também as transformações nas expectativas e nos papéis familiares, refletindo uma maternidade que precisou ser reformulada em função das demandas específicas impostas pela APLV.

A partir dos “motivos por que”, com os desafios e a vivência das mães no processo de diagnóstico e manejo da APLV, foi possível compreender como essas experiências influenciam suas ações cotidianas de cuidado, tanto no início da jornada, com os primeiros sintomas da criança, quanto ao longo da adaptação alimentar e emocional. As experiências das mães quanto ao suporte médico e psicológico, assim como sua interação com serviços de saúde e políticas públicas, apontaram como a falta de apoio e compreensão podem agravar as dificuldades enfrentadas. O momento de cuidado, tanto na consulta quanto no acompanhamento contínuo, é permeado por expectativas frustradas, que refletem o impacto das lacunas no atendimento e a escassez de uma abordagem mais humanizada e especializada para o público com APLV (Miguez, 2024).

A APLV, sendo uma condição alérgica que requer atenção constante à alimentação, traz implicações complexas e multifacetadas, afetando diretamente a organização da rotina, as relações sociais e o bem-estar emocional das famílias (Cummings *et al.*, 2010). A partir das falas das participantes, foi possível identificar como a APLV, enquanto condição alérgica, exige cuidados contínuos com a alimentação, o que provoca implicações complexas e multifacetadas, afetando não apenas a criança diagnosticada, mas também a dinâmica da família e as interações sociais. A Fenomenologia Social proporciona uma lente analítica útil para compreender essas experiências, ao destacar que as percepções individuais estão imersas em contextos intersubjetivos compartilhados (Schutz, 2012).

O diagnóstico de APLV, conforme descrito pelas mães, representou uma jornada de descoberta marcada por incertezas e dificuldades iniciais. A busca por um diagnóstico preciso

envolve um período prolongado de angústia, durante o qual as mães precisam adotar uma postura ativa na busca por respostas, diante de sintomas inexplicáveis e diagnósticos equivocados. Essa postura ativa reflete o conceito de Mundo da Vida de Husserl (2012), um dos pilares da Fenomenologia Social, que se refere ao universo de significados compartilhados e percebidos de maneira única por cada indivíduo.

Esse universo de significados se aprofunda quando consideramos o impacto emocional e social que o diagnóstico de APLV provoca nas famílias. Em consonância com o estudo (Moen *et al.*, 2019), após a primeira reação alérgica do filho — uma experiência frequentemente descrita como traumática —, os pais passam a conviver com um intenso medo de novos episódios, o que transforma o cotidiano em um cenário de vigilância constante. Perceber que a vida da criança está em risco gera sentimentos intensos, como medo, culpa, e impõe limitações significativas na vida familiar. As atividades se restringem, e os pais se sentem mais seguros em casa, planejando cuidadosamente cada aspecto do dia a dia para minimizar os riscos.

A expressão “estar preso em uma bolha”, usada por um dos pais neste estudo ilustra como as restrições alimentares afetam e limitam a rotina familiar. Além disso, o impacto psicológico do diagnóstico é compartilhado pela criança, que também vivencia ansiedade e medo, influenciando toda a dinâmica familiar e intensificando o choque e a preocupação experimentados no momento do diagnóstico. Ademais, a literatura indica que as alergias alimentares afetam tanto a criança quanto a família nos aspectos biológico, psicossocial e espiritual da saúde, sensação de falta de propósito, impactando, dessa forma, a qualidade de vida ligada à saúde (Ozturk *et al.*, 2023; Pandya, 2020).

Os relatos desta pesquisa revelaram as particularidades da jornada de cada família, apontando para uma experiência coletiva de medo e incerteza compartilhada por outras mães que enfrentam o mesmo diagnóstico. O cenário de confusão e desespero evidenciado nas falas provoca uma reconfiguração das práticas diárias e da própria dinâmica familiar, forçando uma adaptação constante. A ansiedade gerada pela falta de conhecimento sobre a condição faz com que essas famílias empenhem um esforço contínuo para restabelecer o equilíbrio emocional e prático do lar.

Schütz (2012), ao discutir o conceito de agir social, propõe que a compreensão da ação humana deve considerar tanto a perspectiva individual quanto a intersubjetiva. Assim, as mães, ao relatarem suas experiências, não apenas expressam suas ações e sentimentos pessoais, mas também estão inseridas em um contexto social maior, que envolve, por exemplo, o

relacionamento com profissionais de saúde e com o apoio de familiares e amigos. A dificuldade das mães em obter um diagnóstico adequado, além das frustrações com a falta de compreensão de alguns médicos, reflete uma experiência social compartilhada de desinformação e carência de apoio especializado, que pode ser vista como uma vivência comum no universo de famílias com filhos alérgicos. A dificuldade em traduzir a gravidade da APLV para os outros é um exemplo claro da falta de compreensão intersubjetiva, um conceito de Schütz, que aborda como a comunicação e a ação social são permeadas pela complexidade de contextos e perspectivas diversas.

Além disso, os motivos que levam as mães a enfrentarem dificuldades emocionais intensas após o diagnóstico de APLV estão permeados pela ausência de suporte psicológico adequado. As mães frequentemente sentem-se desacreditadas quanto aos sintomas iniciais e enfrentam críticas sobre suas preocupações, sendo muitas vezes chamadas de "exageradas" ou "frescas". A falta de apoio psicológico e a incompreensão por parte de familiares e profissionais de saúde agravam o sentimento de isolamento e insegurança, impactando negativamente o bem-estar emocional das mães (Pandya, 2020).

Esse impacto emocional é ainda mais profundo quando elas se deparam com o bebê real, que não corresponde ao idealizado e apresenta a "imperfeição" de uma condição de saúde delicada. Nessa situação, as mães precisam lidar com a realidade de um bebê não saudável, enfrentando um cenário que exige grande dedicação e entrega, especialmente no aleitamento materno, como ocorre com mães de bebês com APLV. A combinação desses fatores — falta de apoio externo e o confronto com a fragilidade da saúde do bebê — intensifica a carga emocional vivida, tornando a experiência ainda mais desafiadora (Dias, 2016).

Estudo recente mostrou que mães de crianças com alergias alimentares, como APLV, frequentemente enfrentam grandes cargas psicológicas e emocionais. O estresse associado à gestão das reações alérgicas, como a necessidade de monitorar constantemente a segurança alimentar e carregar medicações de emergência, pode levar à ansiedade e à redução na qualidade de vida (Nery *et al.*, 2025). Alguns estudos sugerem que essas mães podem experimentar preocupação e tensão intensificadas devido à imprevisibilidade das reações alérgicas de seus filhos e os riscos envolvidos nas atividades diárias, incluindo eventos sociais e vida escolar (Pinto *et al.*, 2021).

O impacto psicossocial pode afetar a dinâmica familiar, com as mães frequentemente assumindo a responsabilidade de garantir a segurança dos filhos em vários ambientes. Isso pode

levar a sentimentos de isolamento, uma vez que elas precisam navegar com vigilância constante e administrar as pressões sociais da família e da comunidade. O desgaste emocional é ainda mais intensificado pela necessidade de equilibrar essa responsabilidade com outras funções familiares. A terapia cognitivo-comportamental (TCC) tem se mostrado uma intervenção eficaz para ajudar as mães a lidarem com esses desafios, ao tratar da ansiedade e do estresse relacionados ao cuidado com as alergias alimentares de seus filhos (Knibb, 2015).

O suporte psicológico, tanto para a mãe quanto para o restante da família, emerge como uma necessidade premente, para lidar com o diagnóstico e para enfrentar as dificuldades diárias e a sobrecarga emocional trazida pela APLV. A análise das experiências das mães, no contexto da Fenomenologia Social neste estudo, revela como a ausência de apoio psicológico adequado, a falta de sensibilidade dos profissionais de saúde e as dificuldades nas relações sociais criam um cenário de angústia e isolamento, que requer uma resposta integrada e mais humanizada para oferecer o suporte necessário para essas famílias (Schutz, 2012).

Em relação aos impactos emocionais do diagnóstico de APLV, este estudo mostrou como a dieta restritiva imposta pela condição, associada à perda de um mecanismo de enfrentamento emocional, gera sentimento de frustração, impotência e uma sensação de incapacidade para oferecer os cuidados necessários aos filhos. Além disso, a constante preocupação com possíveis contaminações alimentares tornou-se uma fonte de ansiedade diária. As falas das mães ilustraram claramente esses desafios, ao expressar a bagagem de conhecimento vivida pela mãe diante da falta de apoio; ou ainda, a perda do recurso emocional da alimentação.

Sentimento de culpa e sofrimento por parte da mãe do bebê com APLV são as principais queixas, pois em alguns casos, o filho tem uma dieta alimentar restritiva em que não se pode alimentar normalmente. Além disso, existe o desafio de manter o equilíbrio no ambiente familiar, atendendo às demandas dos demais membros da família. Os cuidadores necessitam ajustar suas rotinas para atender às necessidades de seus filhos. (Quach; John, 2018). A tarefa de comprar alimentos pode se tornar frustrante devido à preocupação em garantir que os produtos sejam seguros. Além disso, muitos não podem comer fora de casa, pois são poucos os restaurantes que atendem pessoas com alergias alimentares. O estresse é intensificado pela frustração e tristeza ao saber que seus filhos não são convidados para eventos por causa das restrições alimentares. As mães, em particular, são fortemente impactadas, já que muitas vezes têm um papel central na gestão diária, sendo responsáveis por determinar quais alimentos são seguros para o consumo.

Outro fator que afeta significativamente a vida das mães e das famílias é a necessidade de abandonar o trabalho remunerado, devido ao alto custo das fórmulas especiais para a alimentação complementar de lactentes (Abagaro *et al.*, 2018). No Brasil, existe uma legislação que visa abranger três aspectos para garantir uma alimentação de qualidade para pessoas com necessidades alimentares específicas. O Estado deve criar condições para que todos possam se alimentar de forma adequada; deve oferecer programas de formação, educação e fornecer informações relevantes para os beneficiários da lei; e, por fim, deve assegurar uma alimentação apropriada para aqueles que se encontram em situação de insegurança alimentar ou desnutrição, como é o caso de pacientes diagnosticados com APLV (Moen *et al.*, 2019).

Nesse contexto, é fundamental que as políticas públicas contemplem o apoio contínuo às famílias, considerando as dificuldades financeiras e emocionais enfrentadas no processo de adaptação alimentar. O custo elevado das fórmulas especiais e a complexidade do acompanhamento nutricional para crianças com APLV frequentemente exigem que as mães se dediquem integralmente a esse cuidado, sacrificando outras áreas de sua vida profissional e pessoal (Abagaro *et al.*, 2018). Dessa forma, é imprescindível que o governo forneça recursos adequados, como subsídios e suporte psicológico, para que as famílias possam lidar de forma mais equilibrada com as necessidades alimentares de seus filhos, garantindo uma qualidade de vida digna e o direito à saúde.

Outro ponto relevante é a escassez de acolhimento e a carência de orientação profissional. As mães relataram dificuldades no diagnóstico da APLV, agravadas pela subestimação dos sintomas e pela falta de conhecimento dos profissionais de saúde, o que resultou em diagnósticos equivocados e sofrimento emocional. Além disso, a comunicação ineficaz e a falta de empatia dos profissionais intensificaram a insegurança das famílias. Muitos pais relataram precisar insistir por encaminhamentos a especialistas, enquanto recebiam informações imprecisas ou contraditórias, tornando o processo de cuidado desgastante (Moen *et al.*, 2019; Zampoli *et al.*, 2022).

Compreender o contexto familiar, os medos e as preocupações é um passo essencial para os profissionais de saúde. A falta de compreensão da comunidade, a ausência de apoio de outras pessoas no cuidado e adaptação da criança, a recepção de informações médicas contraditórias e a carência de informações nos rótulos dos produtos são fatores principais que causam sofrimento aos cuidadores de crianças com APLV. É fundamental que a equipe de saúde disponha de

ferramentas adequadas para lidar com o diagnóstico da APLV e apoiar as famílias nesse processo (Dias, 2016).

Como o tratamento da APLV envolve a substituição total ou parcial de produtos contendo lactose, é essencial que os profissionais de saúde estejam capacitados para orientar as mães e/ou responsáveis pelas crianças, garantindo o sucesso terapêutico. A orientação alimentar deve ser traçada com o objetivo de prevenir reações alérgicas e contribuir para a manutenção da qualidade de vida das crianças. Os profissionais devem manter contato contínuo com as mães e crianças durante as consultas de puericultura. Ao identificar casos de APLV, a equipe de saúde deve promover a saúde centrada na atenção primária à saúde, priorizando o bem-estar individual e coletivo, tanto da criança quanto da família (Miguez, 2024).

Embora este estudo tenha sido realizado com mães de crianças diagnosticadas com APLV em um município específico, ele apresenta limitações devido à amostra restrita a uma única localidade, o que impede a generalização dos resultados para outras regiões. A coleta de dados foi realizada apenas com mães residentes nessa área, o que pode não refletir as experiências de mães em outras realidades, seja em áreas urbanas ou rurais, ou com diferentes contextos socioeconômicos. A abordagem metodológica adotada permitiu analisar os relatos das participantes até a saturação teórica, o que, por um lado, fortalece a profundidade da análise, mas também limita o número de participantes e a diversidade das vivências apresentadas.

Além disso, este estudo não contemplou as experiências de outros sujeitos-chave, como profissionais de saúde que atendem as famílias com crianças diagnosticadas com APLV. A inclusão dessas vozes poderia enriquecer a análise e oferecer uma compreensão mais ampla das interações entre as mães e o sistema de saúde.

CONCLUSÃO

Constataram-se dificuldades que as mães de crianças com APLV enfrentam impactos significativos nas esferas física, emocional e social. Esses impactos incluíram a sobrecarga emocional devido à vigilância constante na alimentação e ao alto custo financeiro das fórmulas especiais, além de desafios sociais, como o isolamento decorrente da falta de compreensão de familiares e amigos. A necessidade de suporte psicológico, bem como a capacitação dos profissionais de saúde para acolher as demandas dessas mães, foram aspectos cruciais identificados no estudo. A criação e implementação de políticas públicas que garantam redes de

apoio e maior conscientização social sobre a APLV é essencial para a melhora na qualidade de vida dessas mães e de suas famílias.

AGRADECIMENTOS

Registra-se o agradecimento à Universidade Federal da Integração Latino-Americana e à Fundação Araucária pelo apoio financeiro concedido para a realização deste estudo.

REFERÊNCIAS

ABAGARO, R. M. A. Aspectos emocionais vivenciados pelos pais e/ou cuidadores de crianças com alergia à proteína do leite de vaca. **ID Online Revista de Psicologia**, v. 12, n. 39, p. 736-756, 2018.

CANTANHEDE, J. P. *et al.* Análise dos protocolos clínicos de atendimento a pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS) com diagnóstico de alergia à proteína do leite de vaca (APLV) de um município de cada macrorregião do Brasil. **Revista CPAQV**, v. 16, n. 1, p. 12, 2024.

CENTRO DE NUTRIÇÃO INFANTIL. **Centro de Nutrição Infantil**. Foz do Iguaçu: CENNI, 2025.
https://www.centrodenutricao.org.br/?page_id=133

CUMMINGS, A. J. *et al.* The psychosocial impact of food allergy and food hypersensitivity in children, adolescents and their families: a review. **Allergy**, v. 65, p. 933-945, 2010.

DIAS, S. G. S. **A alergia alimentar e o impacto na criança e na família**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2016.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Barcelona: Editorial Herder, 2012.

JUNG, M. *et al.* Psychological distress and perceived burden in parents of Korean children with IgE-mediated food allergy. **Journal of Korean Medical Science**, v. 38, n. 27, e248, 2023.

KNIBB, R. C. Effectiveness of cognitive behaviour therapy for mothers of children with food allergy: a case series. **Healthcare**, v. 3, n. 4, p. 1194-1211, 2015.

KORZ, V. *et al.* Alergia à proteína do leite de vaca, qualidade de vida e estilos parentais. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 31, n. 1, 2021.

MIGUEZ, B. B. Alergia à proteína do leite de vaca: a importância do conhecimento das mães sobre a APLV. **Revista CPAQV**, v. 16, n. 1, p. 14, 2024.

MIKKELSEN, A. *et al.* Monitorando o impacto da alergia ao leite de vaca em crianças e suas famílias com o questionário FLIP: um estudo de acompanhamento de seis meses. **Alergia e Imunologia Pediátrica**, v. 26, n. 5, p. 409-415, 2015.

MOEN, Ø. L. *et al.* Parents' experiences raising a child with food allergy: a qualitative review. **Journal of Pediatric Nursing**, v. 46, p. e52-e63, 2019.

MOURA, C. O. *et al.* Percurso metodológico para alcance do grau de saturação na pesquisa qualitativa: teoria fundamentada. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, e20201379, 2021. DOI: 10.1590/0034-7167-2020-1379.

NERY, R. F. *et al.* Experiências e desafios de mães e/ou cuidadores diante da alergia à proteína do leite de vaca da criança. **Revista Caribeña de Ciencias Sociales**, v. 14, n. 4, e4550, 2025.

OZTURK, C. S. *et al.* The experiences of mothers of children with food allergy: a qualitative study. **Journal of Pediatric Nursing**, v. 73, p. 113-119, 2023.

PANDYA, S. P. Adolescents living with food allergies in select global cities: does a WhatsApp-based mindful eating intervention promote wellbeing and enhance their self-concept? **Journal of Pediatric Nursing**, v. 55, p. 83-94, 2020.

PINTO, F. L. *et al.* Tratamento dietético da alergia às proteínas do leite de vaca: um estudo da percepção de mães. **Revista de Pediatria SOPERJ**, v. 21, n. 4, p. 176-182, 2021.

QUACH, L. L.; JOHN, R. M. Impacto psicossocial de crescer com alergias alimentares. **The Journal for Nurse Practitioners**, v. 14, n. 6, p. 477-483.e4, 2018.

RAMOS, C. M. *et al.* Pesquisa fenomenológica como ferramenta de pesquisa em enfermagem: reflexão teórica. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 12, e4251, 2022.

REIS, P. *et al.* Repercussões da alergia ao leite de vaca sob a ótica materna. **Revista Rene**, v. 21, e43813, 2020.

SANTOS JÚNIOR, E. B. *et al.* Amamentação e alergia à proteína do leite da vaca: desafios de mães após o diagnóstico de seus filhos. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 16, n. 9, p. 16147-16167, 2023.

SCHÜTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ZAMPOLI, A. C. M. *et al.* Experience of mothers after the diagnosis of congenital malformation and the expectations of care. **Revista Rene**, v. 23, e77574, 2022.

ZEPEDA-ORTEGA, B. *et al.* Strategies and future opportunities for the prevention, diagnosis, and management of cow milk allergy. **Frontiers in Immunology**, v. 12, 673957, 2021.